

A CIDADE QUE ESTÁ DITA: Caruaru nas representações de Limeira Tejo, José Condé e Nelson Barbalho

José Veridiano dos Santos¹ - PPG-UFPE

Caruaru é uma cidade localizada no agreste pernambucano, distando cerca de 130 km do Recife. Não há consenso quanto à procedência da palavra “caruaru”, podendo ela ser um vocábulo de origem indígena ou africana ou, ainda, uma planta venenosa, um poço, uma lenda, entre outras interpretações.² O interessante é saber que a palavra está recoberta, bem além do significado, de signos que remetem, hora à tradição, sertão,sertanejo, hora a feira de caruaru e a festividades juninas.

Muitas representações construídas em diferentes momentos de sua história produziram imagens identidades e inventaram diferentes cidades: “princesa do sertão”, “país de Caruaru” “capital do agreste”, “terra dos Condés”, “terra de Vitalino”, “maior Centro de Arte figurativa da América”, “maior São João do mundo”, “capital do Forró”, entre muitas outras que ainda hoje circulam no imaginário social, recortando uma identidade particular dentro da identidade nacional.

Essas representações em maior ou menor grau instituíram-se e reproduziram-se de acordo com os interesses de sujeitos e grupos que disputam o poder, a memória e a história, pautando condutas, induzindo ações e construindo sentidos para a existência daqueles que vivem na cidade.

Esse texto é uma proposta para estudar os sentidos e significados que recobrem essa cidade, tomando como pré-texto a memorialística de três escritores caruaruenses: Limeira Tejo, José Condé e Nelson Barbalho. Percorrendo as trilhas e estratégias de suas narrativas, no período que vai de 1912 a 1930, o trabalho quer entender as condições de existir dentro das quais tais representações são produzidas, que identidades e imagens elas constroem, como produzem sujeitos sociais e, bem como, de que maneira essas representações têm servido às formas dominantes de pensamento como instrumento de situação histórica da cidade de Caruaru.

É no interior das práticas discursivas que os objetos se constituem e ganham significado³. Desse modo, é entre o dito e o não dito que uma cidade se faz existir, enquanto outras se fazem esquecer. A opção por esses autores caruaruenses decorre do fato de identificarmos neles as primeiras abordagens a terem a cidade de Caruaru como espaço privilegiado, o que permite encontrar em seus escritos um significativo conjunto de signos que traduzem as condições de existir de uma época, além de uma visão do passado que se consolidou para o presente instituindo-se como a verdadeira história da cidade.

Nesse sentido, três narrativas conduzirão essa investigação: a memorialista, tendo como expressão o texto “Enéias: memórias de uma geração ressentida”⁴, do escritor Limeira Tejo; o romance histórico-ficcionista de José Condé “terra de Caruaru”⁵ e, finalmente, a história não acadêmica de Nelson Barbalho nos livros “País de Caruaru”⁶, “Caruaru do coronel. João Guilherme”⁷, “Caruaru do Major José Martins”⁸, “Caruaru de Henrique Pinto”⁹.

A parceria com a literatura nesse momento busca superar um antigo estigma que, desde Aristóteles, colocava em campos opostos a narrativa literária (o que poderia ter acontecido, o sonho) e aquela de viés histórico (o acontecido, a realidade) e que a tradição historiográfica moderna cuidou de acentuar. A fonte literária é, ainda, aquele “algo mais” de que o historiador se vale para revelar as sensibilidades de uma época. Acreditamos, como Withe¹⁰, que “a história tem muito a ganhar ao restabelecer uma ligação cada vez mais íntima com suas bases literárias”.

Adotamos a iniciativa de examinar individualmente cada narrativa para entender como suas representações inventam a cidade. Posteriormente faremos alguns cruzamentos aproximando e contrapondo tais representações para enxergar que imagens, identidades elas criaram e instituíram na memória e no imaginário cidadão.

A cidade da memória

Quem viaja na leitura de “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino¹¹, percorrendo as suas cidades da memória, através dos relatos de *Marco Pólo a Kublai Kam*, certifica-se de que a

memória presente em *Diomira* lhe dá uma característica singular, embora ela possua tantas semelhanças com outras cidades; que *Isidora* pode ser uma armadilha que atrai os desejos e aprisiona na memória aqueles que por ela se apaixonam; que *Zaíra* é uma cidade que existe nas relações de seu espaço com o acontecido e que sua descrição não contém o seu passado, mas esse está contido na sua materialidade; enfim, *Zora* nos ensina a dimensão seletiva e flexível da memória. Cidade, memória e história mantêm relações íntimas e a linguagem atravessa essas dimensões capturando fragmentos e expressando representações que guiam os homens no desenrolar de suas existências.

Para além da experiência material que os olhos recortam, numa cidade se revelam tantas outras que os desejos, a memória e a história significam, cartografam e enunciam no limite das determinações históricas em que vivem sujeitos e grupos sociais que a habitam. Sabemos que a memória, a ficção e a história não esgotam o acontecido, pelo contrário estão sujeitas à mudanças e sofre as pressões do tempo presente em que são produzidas, trazendo para o historiador o desafio de escrever fugindo à tentação capturar verdade absoluta e imutável e construir uma narrativa que não perca a intenção de verdade, de verossimilhança.

Voltar-se, nas trilhas das memórias de Limeira Tejo, especialmente para aquelas que se reportam a cidade, é uma tentativa de nos aproximar de suas representações discursivas para entender como a cidade e seus sujeitos ganham existência. Que marcas identitárias ele constrói para gerar noções de pertencimento entre sujeitos, coisas e lugares e de que maneira são essas marcas identitárias continuam a ligar as pessoas a essa cidade. Do presente procuramos fazer uma releitura que historiciza a cidade de Caruaru a partir da seleção de imagens que sua escrita nos oferece.

É em 1955, em meio as turbulências políticas que vivia o país após o suicídio de Getúlio Vargas que foi escrito *Enéias: memórias de uma geração ressentida*, publicado em 1956. Naquele momento Tejo se revelava profundamente desencantado com a situação do país e com sua própria obra e não via mais sentido para escrever se não as memórias de sua geração. O que se desenha na sua escrita é uma tentativa desesperada de encontrar sua

identidade, de dizer ao mundo de onde veio, e que maneira viveu a vida. Seu esforço tem a intenção de preservar os cenários, os sujeitos, as paisagens que ele imaginava estarem desaparecendo. Totalmente desterritorializado, vivendo distante de suas raízes ele busca um reencontro com o seu passado e se depara com um mundo que já não existe. Por isso sua escrita na verdade o angustia ainda mais.

Aurélio Limeira Tejo, nasceu em Caruaru em 1912. De tradição aristocrática, como a maioria de filhos de proprietários e comerciantes da cidade, estudou no Ginásio Pernambucano e se formou em engenharia no Rio de Janeiro, mas foi como escritor e jornalista que fez sua vida. Como Jornalista e correspondente viajou o país e o mundo entrevistando celebridades e buscando notícias diversas, tendo sido colaborador de vários jornais como “o Jornal”, “Correio do Povo” e outros.

Sua obra escrita entre os anos 30 e 50 compreende, além do texto que estamos examinando, desde uma análise sobre o nordeste – “Brejos e Carrascais do Nordeste (1937)” – até uma análise sobre o povo brasileiro, do que é exemplo a obra “Retrato Sincero do Brasil (1951)”¹². Tejo escreveu ainda o romance “Lua Nova Trovejada” e “Por Traz da Cortina do Dólar”¹³, sendo que este último nasce a partir de sua experiência como membro do Departamento de Estudos Econômicos das Nações Unidas em Nova York. Sua escrita tem uma perspectiva jornalística e forte influência sociológica.

É emblemático o nome que ele atribui a suas memórias: *Enéias*, conhecida figura da mitologia greco-romana, que na iminência da destruição de sua cidade, *Tróia*, bate em retirada, indo parar no sul da península itálica (magna Grécia) onde seus descendentes fundarão Roma. Tejo recorre a essa metáfora porque nela encontra semelhanças com a sua própria história, tal qual *Enéias*, ele também teve que “abandonar” Caruaru em circunstâncias adversas e se refugiar muito longe, no Rio Grande do Sul, onde refez sua vida. *Enéias* morreu sem conhecer à glória a que Roma viveu. Tejo, sem o heroísmo daquele herói lendário, estaria fadado ao mesmo desígnio.

Quanto as “*memórias de uma geração ressentida*”, temos motivos para crer que sua trajetória de vida pessoal e intelectual foi marcada de forma indelével pela morte prematura

de seu pai, as adversidades políticas de sua família depois das *Salvações*¹⁴ em Caruaru, seguida da falência da fábrica de seu Avô Cel. Aureliano Limeira. Além da solidão e saudade que viveu desde cedo como interno no Ginásio Pernambucano e logo depois a formação universitária no Rio de Janeiro. Percursos que lhe tiraram, desde cedo, a companhia da família, parentes e amigos e acabaram por leva-lo à Porto Alegre. Tudo isso está muito claro em sua escrita:

“escrevi muitas partes deste livro com a garganta trancada pela saudade – dos que se foram para sempre e daqueles de quem me distanciei nesse nosso mundo de hoje, de tão fáceis separações. Dedico estas páginas à minha querida irmã Otília – e as minhas primas e meus primos, irmãos também dentro da grande família de Papai Lelé e Mãe Sinhá: uma instituição dos tempos que os brasileiros ainda tinham avós.”¹⁵

De fato a sua geração ligada aos setores tradicionais da sociedade, formada para ocupar cargos políticos e o exercício do poder, se deparava com um ambiente em que, sob o pano de fundo da modernização do país e das mudanças políticas, econômicas e culturais que se firmavam por ocasião do Regime republicano recém-proclamado, as tradições foram questionadas, superadas ou operaram dentro de outras lógicas.¹⁶ A crise da sociedade rural e patriarcal se acentuou com a modernização da sociedade brasileira. Os choque entre tradição e modernidade abalaram definitivamente suas crenças, suas utopias e é por isso que sua escrita é uma tentativa de preservar, como num retrato, a pureza, as paisagens e os sujeitos e de seu tempo.

O tom pessimista e dramático que se desvela de suas representações narrativas pode ser sentido logo na primeira parte do livro *“Entre o fim e o princípio”*, onde uma epígrafe de Maternich *“entre o fim da velha Europa e o início da nova, haverá o caos”*, dá o tom de sua escrita e é fio condutor de toda leitura. Para Limeira Tejo, neto de coronéis do interior de Pernambuco e Paraíba e, portanto, um legítimo representante dos grupos tradicionais que a pouco dominavam o interior do país, sua geração assistia aos últimos momentos desse ciclo.

Sua impressão era de que, de repente, fora arrancado de um mundo particular e local e jogado num ambiente em que as questões da “civilização” estavam em jogo. E ele parece se sentir extremamente desconfortável com tal situação e se volta para salvar seu passado de

sua geração. As palavras que ele utiliza para expressar esse momento não deixam dúvidas: “fim”, “caos”, “incêndio”, “destruição”, “esgotamento”, “heroísmo perdido”. Na conclusão de seus livros sempre assinava e antes da data e do ano escrevia a palavra tristeza: “*tristeza outubro de 1955*”.

Sabe-se que para escrever suas memórias Tejo voltou a Caruaru. De Porto Alegre, depois de um quarto de século, a distância e o tempo se punham como obstáculo, lhe reservando uma tarefa de muito esforço na incômoda fronteira das lembranças e do esquecimento. Estando entre amigos, parentes, conhecidos, ruas, cenários, paisagens ele se voltava para o passado, provoca suas lembranças e esperava, além de tudo honrar uma dívida com si mesmo: voltar ao túmulo de seu pai.

Assim é que a cidade de Caruaru embora não seja foco central de sua narrativa, surge em sua escrita como o espaço para onde tudo tem início, tudo começa. Nela o autor encontra sua origem, suas raízes e tenta se encontrar. Muito além de uma descrição simples, suas lembranças brotam, a luz da sociologia e do estilo regionalista, interpretadas, definidas, cabendo ao leitor se impressionar, se emocionar com a história contada. Nas trilhas de sua narrativa encontramos descrições parciais da cidade sempre intercaladas pelas descrições de sua dor e frustração pessoal.

Na segunda parte de seu texto “volta para o teu lugar”, não é por acaso que sua escrita tem como ponto de partida um dos cemitérios da cidade. O cemitério São Roque é onde está enterrado o seu pai Otaviano Pereira Tejo, morto em 1916 aos 35 anos acometido de malária quando o menino Tejo tinha apenas 10 anos de idade. Além de seu pai muitos daqueles contemporâneos de seu tempo de infância e adolescência, parentes, amigos, conhecidos, agora “moravam” ali. É desse “lugar da morte” que ele irá, percorrendo entre túmulos e epitáfios, provocar suas lembranças, contar histórias nas quais cenários, imagens e sujeitos daquela Caruaru aparecerão misturados hora à alegria, hora, e sobretudo, a morte, a dor, e a saudade.

“nos meus tempos de meninos, esse era o Cemitério Novo, a encosta do morro, bem longe da cidade, quase à beira de um grotão onde, para mim, tudo findada: a terra conhecida e a coragem para as aventuras. Era como um passeio ao campo quando tínhamos de acompanhar até lá um enterro de anjo”.¹⁷

As primeiras histórias imagens e personagens que se desenham de sua escrita terá o cemitério como referência, são um conjunto de lembranças que nos conduzem por diversos práticas, paisagens, situações, lugares e sujeitos diversos que se somam para montar sua cidade de sua infância.

As suas travessuras de menino, as histórias do coveiro, João Brígido e da morte de seus parentes aparecem dentro de um universo simbólico que envolve mitos, lendas e religiosidade: “saci, papa-figo, fantasma, demônio, alma, excomungado, espírito, maldição, diabo, botija, castigo, gemidos da pedra do cachorro, etc. atravessam as vidas de seus sujeitos descritos sempre sob um juízo de valor e preconceito, como no caso do coveiro, personagem, sem nome “um estranho velho”, “pés de bombo – descalços, inchados, incardidos”, de cor “esverdinhada dos malarientos crônicos”, ou ainda do caixeiro e comerciante: sujeito, “excêntrico” “bizarro miçangueiro”, contra o qual sua escrita se volta.

Quando ele narra a mortalidade das crianças de seu tempo, exagerando no realismo ao descrever a mentalidade que cercava o ritual fúnebre daqueles “anjos”, ou ainda quando narra os enterros de criminosos e nomeia parentes e sua respectivas causas de morte, notamos o seu esforço para descrever as condições de existência dos sujeitos que habitavam a cidade. Eles mais uma vez estão rodeados por histórias místicas e por doenças como “*bexiga, beriberi, malária, tifo, bubônica*”, que lhes arrastaram para o mundo da morte. A forma como descreve seus personagens, primando por detalhar características pessoais e físicas, bem como fazer um julgamento político e moral de suas vidas denunciam o realismo que ele tenta dar a sua escrita mais muito mais o lugar social do autor, Um escritor, jornalista de família aristocrática que tenta reconstruir sob seu olhar sua época de infância e adolescência.

Mas o esforço em busca das lembranças do passado fatalmente será comprometido uma vez que ele se sentirá um desertor, um fugitivo que voltou aquela cidade em que os

lugares e os sujeitos já não são os mesmos. Suas representações discursivas deixam claras a dificuldade de associação entre os tempos de seu passado e presente. Sua volta era naquele momento, depois de algumas décadas, uma tentativa de reencontrar-se no seu lugar, ser reconhecido e aceito. Mas sua frustração continua, Tejo sente-se um estranho diante de seus conterrâneos:

*Tive a impressão de estar rodeado por invisíveis acusadores que apontavam para mim, como para um trãnsfuga, ouvi que me perguntavam com desdém, mesmo com rancor: Que vieste fazer aqui depois de tantos anos?*¹⁸

A cidade que aparece nas representações de suas lembranças é recoberta de encontros e desencontros. As lembranças brotam sempre marcadas de mágoas, saudades, preconceitos. A frase em latim que dá nome ao seu primeiro capítulo “Revertere ad locum tuum” (volta para o teu lugar), talvez nos explique porque é do cemitério que suas memórias fluem para ele, dramaticamente reviver os momentos de uma dor que tanto o perturbava. Assim completamente desterritorializado ele conclui:

*Que é que eu estava fazendo ali, de volta a Tróia?(...)*¹⁹

Notas

¹ José Veridiano dos Santos é mestrando em História pela UFPE e bolsista do CNPq.

² A esse respeito ver FERREIRA, Josué Euzébio. *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. João Pessoa: Idéia, 2001.

³ Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

⁴ TEJO, Aurélio Limeira. *Enéias: memórias de uma geração ressentida*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956.

⁵ CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁶ *Ibidem*. País de Caruaru. Recife: Ed. CEPE, 1974.

⁷ *Ibidem*. Caruaru do Cel. João Guilherme. Recife: Ed. CEPE, 1981.

⁸ *Ibidem*. Caruaru do Cel. José Martins. Recife: Ed. CEPE, 1981.

⁹ *Ibidem*. Caruaru de Henrique Pinto. Recife: Ed. CEPE, 1981.

¹⁰ WHITE, Hyden. *Metahistória*. 2ª ed. São Paulo, EDUSP, 1995;

¹¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

¹² *Ibidem*. Retrato Sincero do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1978.

¹³ *Ibidem*. Por traz da Cortina do Dólar. Rio de Janeiro: Editorial Andes, col. Asa Branca, 1945.

¹⁴ O termo “Salvações” refere-se às intervenções do Governo Federal em vários Estados do Brasil a partir de 1911. Em Pernambuco significou a queda de Rosa e Silva e a ascensão de Dantas Barreto. Já em Caruaru, a queda do Cel. Neco Porto e a ascensão do Cel. João Guilherme de Pontes.

¹⁵ *Idem*. Pág. 3.

¹⁶ Para uma maior compreensão ver SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In *História da Vida Privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁷ *Idem*. Pág. 21.

¹⁸ *Idem* pág. 27.

¹⁹ *Idem*. Pág.33.